Auto-retrato: a pintura como expressão da alma

Denise Maia

Resumo

Este trabalho surgiu a partir da contemplação de três obras de arte que me provocaram sonhos e a elaboração de várias perguntas, cujo interesse girou em torno dos auto-retratos. Além da observação e da reflexão sobre estas telas, procurei buscar a compreensão do tema narcisismo numa visão arquetípica, que ampliasse a noção clássica já tão bem estudada por vários autores.

"Cada homem que persegue seu próprio destino é um narcisista"

Jung, 1991 (1922)

Jung na citação acima fala sobre a pessoa cujo amor por si mesmo leva à necessidade do autoconhecimento. Este é o fio condutor por meio do qual entendo o chamado interno para um processo de individuação.

Um

Por ocasião de uma exposição de arte impressionista e pós-impressionista, no Palazzo Reale, em Milão (1995), pude observar muitas telas de Toulouse Lautrec, Matisse, Signac, Degas e Gauguin, mas dentre as várias obras apresentadas, a que mais me chamou a atenção foi : "A ronda dos encarcerados", uma releitura feita por Vincent Van Gogh, em 1890, de um trabalho de Gustave Doré. Senti a necessidade de visitar várias vezes não a mostra de arte, mas esta obra em especial, que me convidava a contemplá-la e a partir deste olhar a ampliar minha visão procurando estudar e conhecer os movimentos artísticos e em particular a vida e a obra de seu autor. O meu interesse e pesquisa sobre a história da arte e suas manifestações iniciaram-se neste encontro com a tela, que me mobilizou profundamente, provocando um chamado interno para que eu trilhasse um caminho até então por mim desconhecido.

"Ao se emocionar com uma obra prima, uma pessoa começa a ouvir em si próprio aquele mesmo chamado da verdade que levou o artista a criá-la. Quando se estabelece uma ligação entre a obra e seu espectador, este vivência uma comoção espiritual, sublime e purificadora. É neste momento, de descoberta de si mesmo, que nos transformamos."

Tarkovsky, 1998

Alberto Manguel em Lendo Imagens, diz:

" Pinturas são como narrativas embrionárias a espera de um narrador..."

"Para compreender o sentido de uma obra de arte é preciso permitir que ela nos modele, do mesmo modo que modelou o artista"

Jung, 1991(1922)

"Existe uma analogia entre o impacto produzido pela obra de arte e o impacto de uma experiência puramente religiosa. A arte atua sobretudo na alma..."

Tarkovsky, 1998

"O verdadeiro pintor se deixa guiar pela sua alma"

Van Gogh, 1885

"...procure entender a fundo o que dizem os artistas em suas obras e encontrará
Deus nelas"

Van Gogh, 1880

"A partir da experiência direta da obra de arte, pode-se apreender a sua materialidade, penetrar na tessitura de significados na qual cores, linhas, formas, transparências texturas são veículos... Há uma significação intraduzível em qualquer outra linguagem.

... Toda obra de arte atinge nosso olhar como uma inesperada fulguração, um relâmpago, um objeto perceptivo, um fenômeno do ver."

Ferreira Gullar, 2004

O que vemos não está em um estado fixo, aprisionado para nos guiar, mas sim para ser traduzido em termos da nossa própria experiência. Alguma coisa em nós reconhece algo espelhado na tela, que tenha a ver com nossas imagens internas, permitindo-nos diversas leituras que vão conferir, no contato com a obra, um significado.

"É emprestando o seu corpo ao mundo, através da sua visão e movimento, que o pintor transmuta o mundo em pintura, a qual confere a existência visível ao que a visão profana crê invisível"

Merlean Ponty, 1997

"Na leitura de uma obra de arte, o receber é reconstruir, fazer, reviver, interpretar, penetrar, colher. Onde não se trata de inventar ou criar, mas de recriar. Não dar vida, mas despertá-la."... chega-se à contemplação por um processo ativo de olhar a obra. Perscrutá-la de todos os lados, interrogando-a e buscando a perspectiva mais reveladora, compreendendo seu segredo."

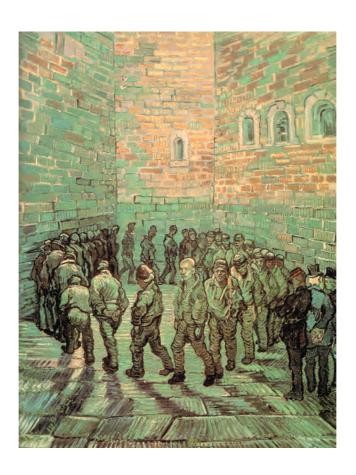
Pareyson, 1984

Christian Gaillard fala em seu texto "Jung et les Arts" da importância de contemplar e se deixar tocar e impressionar por uma obra de arte.

Esta é a forma de deixar vir à consciência a percepção, as impressões e os sentimentos. A surpresa e a mobilização emocional são condições necessárias para que haja uma relação com o inconsciente. Para ele, a partir da "prática da surpresa" são evocadas representações arquetípicas que vêm do mais profundo de nós mesmos.

Gaillard fala de uma observação fenomenológica que conduz então a estruturas organizadoras da psique. Este é o papel de uma obra de arte, no encontro único e individual com o observador.

Esta tela de Van Gogh, que mostra a ronda dos prisioneiros, traz o tema arquetípico do movimento circular, que se apresenta, por exemplo, nos rituais indígenas, nas danças circulares e nos jogos infantis. Poderíamos entender o princípio de movimento em círculo como uma "circoambulatio" em torno de um centro, cujo circuito repetitivo gera uma alteração de consciência. Forma-se então um círculo mágico protetor que envolve a todos que participam desta "ronda"



Simbolicamente, a roda representa, em seu aspecto negativo, a repetição vazia e sem renovação, como se não houvesse uma via de saída, o que pode ser observado nesta obra.

Segundo Jung, o arquétipo da ronda tem por objetivo fixar a imagem do círculo e do centro, relacionando-a com cada ponto da periferia. Esta representação sugere uma mandala.

Ao se observar a pintura encontra-se, na roda de prisioneiros, um rosto mais definido, aquele que olha para o espectador e poderia ser considerado um auto-retrato de Van Gogh. Esta constatação levou-me a querer compreender melhor a própria inclusão como prisioneiro, e ao desejo de entender o que ele percebia ao se retratar e ao olhar para si. Assim, nesta busca de conhecimento e significados, descobri que ele se retratou 43 vezes, o que me suscitou o interesse pelo estudo. Então, iniciei um trabalho com seus auto-retratos procurando observá-los como as imagens em série encontradas nos sonhos. Esse foi um trabalho bastante especial e instigante, pois num primeiro momento - antes de pesquisar a estética ou a teoria psicológica - procurei vivenciar o encontro com cada tela, da mesma forma com que observei "A Ronda dos Encarcerados." Desta forma, o meu interesse pelos auto-retratos foi se tornando cada vez mais intenso, tentando entendê-los como retratos de várias fases de um processo de individuação ou, como dizia Nise da Silveira, as diversas faces dos inumeráveis estados do ser.

Ao estudar Vincent Van Gogh, percebi que existem muitos relatos e reflexões sobre ele e sua obra, sempre observando a patologia e descrevendo-o bem como sua obra, sob o referencial dos transtornos psiquiátricos. Decidi, então, buscar um outro olhar valorizando a originalidade e a genialidade do pintor, procurando compreender o grande número e cada um de seus próprios retratos como o desejo e a necessidade de dar forma aos seus conteúdos interiores.

"Retratos pintados têm vida própria, que emerge do fundo da alma do pintor"

Van Gogh, 1995

"Em seu caminho existencial o homem se depara com situações que só terão sentido de serem vivenciadas se correspondem à escrita de uma necessidade interior"

Sassone, 1992

Van Gogh citou em cartas para seu irmão que em muitos momentos tinha consciência de seu sofrimento e de suas dificuldades. O inconsciente, com seus conteúdos arcaicos, invadiu o ego provocando um desmembramento interno. Mas houve uma luta constante para suportar a fragmentação. Quanto mais frágil e dissociado, mesmo no período de internação no hospital psiquiátrico, mais pintava a si mesmo. Retratar-se seria como criar uma moldura que contivesse o seu tumulto interior. Esta forma de representação de si poderia ser vista como um monólogo pintado, no qual o artista estabelece uma conversa com seus personagens interiores.

Meu envolvimento na busca de tal compreensão foi tão grande, que já no final da elaboração de todo material que fui encontrando, tive um sonho:

"Vejo perto de um cavalete, uma mesa e sobre ela um recipiente transparente com muitos tubos grandes de tinta, que eu sabia pertencerem a Vincent. Pego um deles e o sinto latejar, ao mesmo tempo em que percebo o meu coração pulsar na mesma intensidade. Parece que sou convidada a entrar na mesma emoção que emerge de cada uma daquelas cores, como se eu estivesse contaminada por uma força descomunal".

Dois

Dediquei-me por um longo tempo à observação, ao estudo e à compreensão de Van Gogh até que, após uma outra mostra de arte, agora uma retrospectiva do centenário de José Pancetti, na FAAP em 1997, fiquei fascinada pelo seu auto-retrato "O marinheiro", de 1944.



Em seguida, tive um novo sonho:

"Estou na platéia de um teatro, onde há um palco com apresentações de monografias. Sei que é chegado o momento de eu apresentar o meu trabalho. Estou na platéia, ansiosa com o que devo apresentar. Tudo fica escuro, há um silêncio e um foco de luz recai sobre mim. Não preciso ir ao palco, vou falar dali, de onde estou sentada, e digo: É chegada a hora de fazer o meu monólogo."

Novamente o auto-retrato prendeu-me a atenção, e levou-me a me interessar e a estudar um novo artista: Pancetti. Seu olhar distante na tela parecia buscar um porto

seguro. Era um olhar que parecia viajar pelos mares, em busca de um lugar. O que me tocou naquela imagem foi o marinheiro, como o arquétipo do peregrino, que busca através dos mares a viagem para dentro de si mesmo.

"Quando se auto-retratava Pancetti procurava fixar não a imagem que o espelho lhe devolvia, mas a do outro, alguém feito à sua semelhança, que jamais chegaria a conhecer totalmente".

Teixeira Leite, 2003

O que isto tinha a ver com Pancetti - que era pintor e também marinheiro de ofício - com o auto-retrato ou com minha monografia?

Comecei, desta forma, a dialogar com o marinheiro de Pancetti realizando, nesta conversa, um diálogo interior com vários aspectos de mim mesma.

Arquétipo do peregrino, viagem marítima noturna, circoambulação são todos sinônimos para a caminhada sem fim de busca e transformação do viajante solitário em seu processo de individuação.

Há um olhar inquieto que se vê instigado à uma busca constante, à uma aventura inevitável relatada na seguinte experiência de um viajante:

..."Há homens inquietos aos quais o ponto cego do horizonte obseda, constantemente fustiga e desafia... Sua atração pelas fronteiras parece torná-los inevitavelmente viajantes, mas com a ânsia de um lugar de aconchego... As viagens, muitas vezes, são experiências de estranhamento. O viajante torna-se separado e distante de seu próprio universo, sentindo-se por vezes deslocado, podendo lhe provocar desarranjos internos. Ao mesmo tempo, observa-se não um mundo que se estreita, mas se abre, experimentando a vertigem da desestruturação. Não há um desenraizamento do sujeito, mas uma diferenciação de seu mundo, onde há a abertura para o novo e para o outro dentro de si mesmo."

Cardoso, 1988

Esta seria a viagem arquetípica de cada um de nós para dentro de si , enriquecedora, porém extremamente perigosa.

Jung diz:

"Aventurar-se numa região perigosa e desconhecida da alma é entrar em contato com forças avassaladoras e arcaicas do inconsciente, mas também poder encontrar o tesouro difícil de ser alcançado".

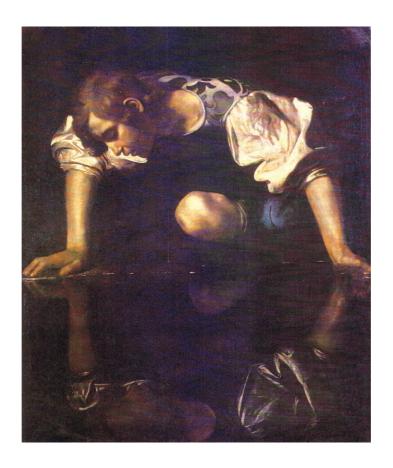
Ao pesquisar Pancetti, deparo-me novamente com muitos auto-retratos. Consegui localizar cinqüenta e duas imagens e existem outras ainda desconhecidas. Percebi-me novamente mobilizada por uma obra de arte, que me conduz aos auto-retratos e estes relatam, a meu ver, imagens de um processo de individuação.

Meu olhar como psicoterapeuta, diariamente em minha clínica, busca também trabalhar com cada paciente as suas imagens, acompanhando cada um deles em sua tarefa de descobrir seu auto-retrato trilhando seu caminho existencial, sua vocação.

## Três

No momento, em que procuro integrar imagem, diálogo, auto-retrato e processo de individuação, surge a memória de uma nova tela com a qual entrei em contato na exposição "Imagine del Sentire" Cremona, 1996.

É uma tela de Caravaggio, pintada em 1610: "Narciso".



Essa tela representa o mito narrado por Ovídio em *Metamorfoses*, em que Narciso, um belo jovem, por um castigo de Nêmesis apaixonou-se pela própria imagem.

Falo aqui de um espelho d'água que me sugere a citação de Sócrates – "Conhece-te a ti mesmo" - motivo de muitas interpretações psicológicas e filosóficas.

A visão psicanalítica do narcisismo, muitas vezes emprestada à teoria Junguiana, mostra-se reducionista e unilateral ao enfatizar a psicopatologia.

Gostaria de relatar algumas idéias do pensamento freudiano sobre narcisismo, que a princípio era visto por Freud como uma perversão sexual, um estado de auto-erotismo e de primitivismo psíquico. Ele falava das "neuroses narcísicas" nas quais havia investimento da totalidade da libido no ego e ausência de investimento nos objetos. Para ele, esse seria o narcisismo secundário.

Com o passar do tempo, Freud foi incluindo ao seu conceito original outras

contribuições. Em um de seus textos fala do narcisismo como complemento libidinal do egoísmo e depois como um obstáculo à civilização.

Freud estabelece o uso do conceito como categoria de diagnóstico e, ao falar de Eros e Tânatos, o utiliza para explicar o masoquismo. Em seus escritos finais, ele vincula ao narcisismo à teoria dos instintos e fala que um "tipo narcisista" tem a predominância de interesse na auto-preservação. Para ele, o investimento narcísico rouba a energia das relações objetais.

A psicanálise pós-Freud traz uma compreensão ampliada sobre o narcisismo. Tanto Winnicott como Bion falam da importância que a mãe tem na função especular e no desenvolvimento da identidade da criança. É nesta relação objetal que está ligado, segundo Winnicott, o verdadeiro Self da criança. Sua noção de "falso Self" se aproxima dos distúrbios narcísicos da personalidade.

O meu olhar sobre o narcisismo procura incluir a polaridade numinosa do arquétipo, que traz a importância da reflexão sobre si mesmo para o auto-conhecimento. O arquétipo de Narciso fala sobre o amor por si próprio como reflexo da necessidade da alma de ser vista e de ser reconhecida.

Fala-se na tradição cristã da importância de se amar o próximo como a si mesmo, incluindo então o amor por si mesmo como uma modalidade de Eros.

"A floresta e o céu se espelham na água com Narciso. Ele não está mais só pois o universo se reflete com ele, o circunda e se vivifica da mesma alma que Narciso... aonde se refletir melhor do que na própria imagem?"

G. Bachelard, 1978

## Quatro

A partir do encontro com cada uma das telas, senti a necessidade de mergulhar nestas imagens conversando com elas. Num primeiro momento procurando na observação escutar o que mobilizavam em mim em termos de sentimentos, dúvidas e questões, e para onde isto me conduziria. Surgiu, assim, o desejo de me aprofundar no estudo sobre o processo psíquico da atividade artística. Há muitas maneiras de se fazer esta leitura, e o olhar psicológico é uma das formas de entendimento. A psicologia analítica, com sua visão prospectiva, guiou-me através de seus conceitos de autoconhecimento, processo de individuação e narcisismo trazendo uma melhor compreensão dos fenômenos por mim observados.

Segundo Gustavo Barcellos (2004), a arte, analogamente à alquimia como processo de transformação, é também a projeção do espírito na matéria visando dar forma às idéias e conteúdos interiores. A obra é o símbolo da junção entre o pessoal e o transpessoal, quando se dá o processo criativo numa relação entre consciente e inconsciente.

Falamos assim sobre a função simbólica da psique cuja relação dialética dos opostos gera a função transcendente. Podemos entender a obra de arte como um complexio oppositorum no qual o artista tenta integrar os opostos, trabalhando a alma.

"A arte é uma fada que transmuta e transfigura o mau destino".

Manuel Bandeira
Apud Barcellos, 2002

Jung demonstrou, em sua vida, um grande interesse por diversas culturas e pela história da arte, cuja presença se expressa na pluralidade de imagens que povoaram seu imaginário psíquico e que nutriram seu gosto pela diversidade da vida simbólica.

Observa-se um estreito contato entre ele a as diversas formas artísticas e recursos expressivos, não só em sua vivência pessoal, mas também como material utilizado com seus pacientes em análise.

Jung via na obra de arte a expressão da natureza mais profunda, independente da vontade do artista.

... "do ponto de vista psicológico pode-se falar da necessidade de expressão da alma... aquele fenômeno instintivo que só se aplaca quando realizado. Impulso obscuro, vocação expressiva..."

Pedrosa, 1995

Para Jung, a obra usa o homem como solo nutritivo, impondo-lhe sua vontade e se desenvolvendo no artista como um complexo autônomo criativo que emerge do inconsciente e precisa se expressar. Há um diálogo constante no processo criativo entre o consciente e o inconsciente, mas o grande perigo é a invasão dos conteúdos do inconsciente no campo da consciência, quando há fragilidade egóica, provocando uma ruptura com o mundo objetivo.

Há relatos de vários artistas falando muitas vezes da força criativa que se impõe. O próprio Van Gogh expressa em cartas o quanto se sente tomado pela obra e pelas cores, não tendo como fugir de algo imperativo que se impõe. A realização da obra é o caminho para o retorno à superfície consciente, e o lugar em que o artista trabalha sua própria transformação. Assim, podemos fazer um paralelo entre processo criativo e processo de individuação, em que o artista cria, descobrindo e afirmando sua própria identidade, estabelecendo contato com as partes mais profundas do seu ser.

Este trabalho monográfico surgiu da necessidade de integração de vivência e teoria conduzida por três imagens e do desejo de entendimento mais profundo sobre os autoretratos.

"Todo retrato pintado revela o artista na tela colorida. A razão que me impede de exibir esse quadro, consiste no terror de por meio dele, patentear o segredo da minha alma."

(Oscar Wilde em o retrato de Dorian Gray)

## Cinco

É inerente ao ser humano a necessidade de deixar a marca de sua própria imagem, eternizando-se. O homem foi se auto-representando através do tempo de formas diferentes. A impressão das mãos, nas cavernas pré-históricas, já era uma forma de registro. O auto-retrato tornou-se popular na época do Renascimento (do século XV ao século XVII), momento em que o homem era o centro das preocupações. Desta forma, os artistas pintavam seus rostos como pretexto para elaborar obras de arte e era nesta imagem que experimentavam novas técnicas, cores e texturas.

O primeiro auto-retrato na história da arte data do fim da Idade Média, feito por Giotto no século XIII. Essas pinturas retratam uma função religiosa além do valor estético.

Albert Dürer, no século XIV foi o primeiro artista do Renascimento a se retratar. Já Rembrandt, no século XVII, foi quem pintou o maior número de retratos, cerca de cem. Ele dizia que as pessoas gostariam de saber que espécie de pessoa foi.

No Brasil, nos anos 1930-1940, foram muito freqüentes os auto-retratos; uma época de grande amizade entre os artistas que se organizavam em núcleos operários, tais como o núcleo Bernadelli no Rio de Janeiro. Na década de 1950, houve um recuo desse gênero com o fortalecimento das tendências abstratas e, em 1960, alguns artistas se retrataram com outros objetivos, trazendo questões mais coletivas.

Um dos artistas brasileiros que mais se retratou foi Ismael Nery e na exposição de seu centenário (2002) havia a seguinte citação:

"O tema de Nery é o ser humano que busca seu eu na fusão com o outro, procurando se compreender olhando no reflexo do espelho. E aí se duplica e se funde ao perceber as diferentes identidades do Eu."

O auto-retrato entre as gerações de 1990 e 2000 traz um resgate da identidade. Nessa época há um interesse maior por esse gênero artístico, um dos mais realizados na história ocidental. A partir do século XX os artistas trouxeram novas formas de se auto-representar, passando a "brincar" com extrema liberdade ao fazerem suas próprias imagens. Alex Flemming, por exemplo, recobriu sua imagem com poesia e outros artistas se retrataram em diferentes posições tais como deitados.

Os artistas hoje utilizam o próprio corpo como instrumento de questionamento da realidade atual. Desta forma, o auto-retrato além de representar pictoricamente seu autor permitindo-lhe uma investigação psicológica, abre espaço para discussões da realidade.

O auto-retrato do homem moderno não consegue deixar de transmitir as angústias do seu tempo.

"Haverá na auto-reflexão do artista, uma preocupação de integração de seu universo ou a busca de um refúgio na solidão?"

Brill (O auto-retrato, gênero em extinção?)

Hoje se observa que a fotografia é mais utilizada do que a pintura, embora as duas formas de registro, fixem o essencial e o imortalizem.

Pensando novamente sobre a importância dos auto-retratos, há um trabalho intitulado *Artists by themselves* que fala sobre a Academia Nacional de Desenhos, fundada em torno de 1820 e ainda existindo hoje, cujos aspirantes deveriam submeter seus auto-retratos a uma avaliação, como condição para se tornarem membros. Para o diretor, esses eram retratos íntimos:

"Um retrato real é verdadeiro e pode mobilizar idéias mais do que outras espécies de obras. A forma como o artista olha para si mesmo e como vê o mundo, encoraja o

observador a penetrar nos mais secretos pensamentos."

Dobkin, 1983

Os artistas também utilizam o próprio corpo como instrumento de questionamentos de uma realidade marcada por desafios como doenças e clonagem. Assim, o auto-retrato denuncia uma realidade.

"O auto- retrato pode ser sinônimo de investigação psicológica, onde o artista olha para si mesmo como se fosse uma outra pessoa, dialogando ao mesmo tempo consigo mesmo."

Piza, 2001

Sob o ponto de vista de observadora de auto-retratos, começo a pensar sobre o que vejo de mim no retrato do outro, quando minha própria imagem se mistura à imagem do outro.

Ana Angélica Albano (2000), diz que as imagens atuam como espelho, onde o observador se vê e é conduzido a espaços profundos dentro de si mesmo. Essa idéia é compartilhada por Roberto Gambini (2000) que fala sobre os olhos do artista em um autoretrato servindo de espelho para o observador perceber seus próprios olhos. Segundo Gambini, o artista busca um olhar de compreensão e empatia para a própria subjetividade.

O espelho pode ser visto como instrumento de confronto físico e simbólico no exercício de construção da própria imagem, permitindo que se revele o que está por trás das coisas, tornando-se assim um símbolo de verdade oculta, ao mesmo tempo que pode revelar orgulho e vaidade. Chevalier, (1994).

Ele dá referência de quem se é, denunciando, confirmando, trazendo a possibilidade de reconhecimento.

De outra forma, a pessoa que observa o retrato espelha em seu olhar o olhar do artista retratado e assim, nesta dialética entre imagem e observador, vai se construindo uma identidade.

"Olhar-se no espelho é uma forma de encantamento. De sua superfície nasce uma figura única, inigualável. Penetrando camadas de reflexão, brotam imagens internalizadas, estados emocionais, percepções que confrontam a identidade. Em mitos e contos de fada, na arte e no cotidiano, o espelho é um poderoso símbolo de mistério e sedução."

Canton, 1962

"O auto-retrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador de sua própria imagem. O artista empunha seus pincéis no testemunho de seu próprio reconhecimento. A criação do auto-retrato, aproxima o artista de Deus. Nesse encontro consigo mesmo, que tem como mediador apenas o espelho, o artista desvenda o seu Dom de recriar o mundo...

Como no espelho de Alice, a experiência do auto-retrato incita um mergulho para dentro de si para então se projetar. Requer um constante reinventar-se."

Canton, 1962

Volto a refletir sobre as imagens que me tocaram, agora, em especial, a do marinheiro Pancetti. O que seu olhar impresso na tela me diz? Um olhar vago por terras perdidas, viajando pelos mares em busca de um lugar. Em muitos de seus retratos o mar está presente no fundo, como se o artista fosse parte da paisagem. Assim, já não se sabe se era o marinheiro que pintava ou o pintor que navegava; tudo se fundia em imagem, em auto-retratos.

Por meio de seus auto-retratos, investiga diferentes personagens, como o marinheiro, o camponês, o pescador... Imagens diferentes de si.

"Eu tenho um rosto, mas o rosto não é tudo aquilo que eu sou. Atrás dele há uma mente que você não vê, mas que olha para você. Este rosto, o qual você vê é um meio pelo qual eu expresso algo do que eu sou... assim meu rosto me pertence e me faz confrontar com a condição a qual terei que me deparar"

Julian Bell, 2000

## Seis

Auto-retratos são espelhos da psique profunda, reflexos dos estados da alma. Quando examinados em série, como as imagens de um sonho, permitem observar o desenrolar do processo de individuação.

Em cada auto-retrato há a confirmação de aspectos do próprio ego, num reconhecimento da própria identidade. A cada olhar no próprio rosto, o artista parece querer se compreender melhor. Desta forma, as telas além de serem um terreno de experiências onde o artista adota as mais diversas técnicas, passa a ser um espelho por meio do qual ele se interroga. A verdade íntima expressa em cada imagem de um auto-retrato, revela a alma, configura um sentido, traz a possibilidade de transformação.

Podem ser muitos os motivos que levam o artista a se auto retratar. A dificuldade em encontrar um modelo ou mesmo necessidades financeiras poderiam, por exemplo, justificar a realização de auto-retratos. Sob o ponto de vista psicológico, a importância do reconhecimento de si mesmo como afirmação da própria identidade ou mesmo a auto satisfação em se ver pintado, também poderiam conduzir à criação de auto-retratos.

"Quem olha no espelho vê primeiramente a própria imagem que vai de encontro a si mesmo. O espelho mostra fielmente aquele que nele se reflete, muitas vezes o vulto que não expomos ao mundo, pois o vemos por meio da persona. Atrás dela é que está o verdadeiro vulto que é exposto pelo espelho."

Jung, (1934)

O confronto com a vida interior é uma experiência difícil, pois é o momento de tomada de consciência das coisas que se tentou esconder e que se projetou fora, no mundo. É uma oportunidade única de conectar-se com o mais profundo de si.

Jung fala do Si-mesmo como um espelho que reflete a consciência, tornando-a visível, ao mesmo tempo em que impulsiona o ego para além de sua realidade, em direção à totalidade.

O Si-mesmo se olha a partir da consciência do ego e o ego é um reflexo do Simesmo, sendo essa a única possibilidade do indivíduo encontrar um sentido de direção e se tornar consciente da própria identidade. Chevalier, em seu *Dicionário de Símbolos*, fala do espelho, além da noção de superfície que reflete, como um instrumento de auto-conhecimento. Também faz uma analogia entre água e espelho, como lugar para interrogar os espíritos, cuja resposta vem por meio do reflexo.

Poderíamos dizer que o pintor pinta a si mesmo, não só para dar forma às figuras interiores mas, ao mesmo tempo, para buscar conexão com a própria essência.

Tudo é importante na leitura de um auto-retrato, havendo um diálogo constante entre o observador e a imagem. As cores utilizadas exercem uma influência profunda sobre nós, provocando-nos sensações, às vezes causando-nos alterações físicas, pois cada cor traz em si uma experiência subjetiva, produzindo uma certa emoção.

Para a análise dos auto-retratos, decidi considerar as obras em série, mantendo sua cronologia e observando as formas e as cores. Procurei olhar a dialética figura-fundo, na qual se considera cada figura uma projeção do artista atualizada a cada momento de sua vida.

Poderíamos entender a figura como expressão do consciente e o fundo do qual emerge o rosto, a representação do inconsciente, do qual a figura tenta se diferenciar. Um exemplo desta forma de leitura é a percepção de que ao se destacar do fundo de seus autoretratos, Van Gogh procurava perceber-se. Na maioria de seus auto-retratos o fundo é monocromático, possibilitando que toda a atenção concentre-se na figura. Essa, muitas vezes, num momento de grande desestrutura interna, apresentava-se sem contorno e sem limites quase se misturando ao fundo, numa luta constante para se diferenciar.

Tornam-se significativos também, além da diferenciação e destaque entre fundo e rosto, a compreensão e a intensidade do olhar. Os olhos do artista dialogam com os do espectador, e a organização do espaço externo da tela se relaciona com o espaço interno do pintor. Também as pinceladas, o traçado e a orientação da figura falam de uma forma especial. Muitas questões surgem ao se olhar a tela de um auto-retrato!

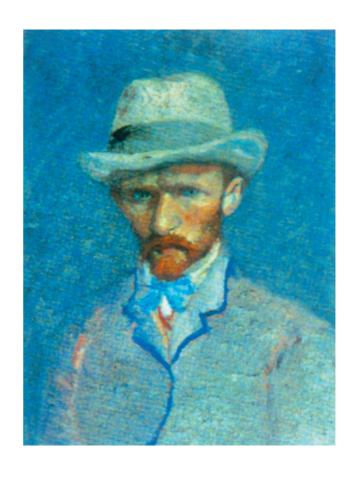
Escolhi alguns auto-retratos de Van Gogh que representem esse diálogo figurafundo (consciente-inconsciente), de forma mais elucidativa:

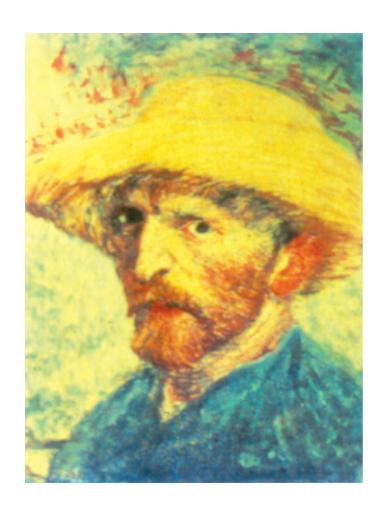
A. R 3,6,9,12,22,29,32,35,39 e 41.

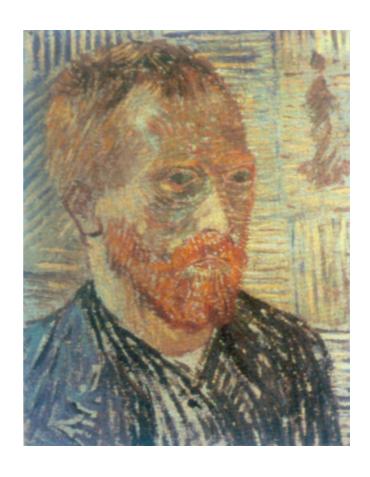




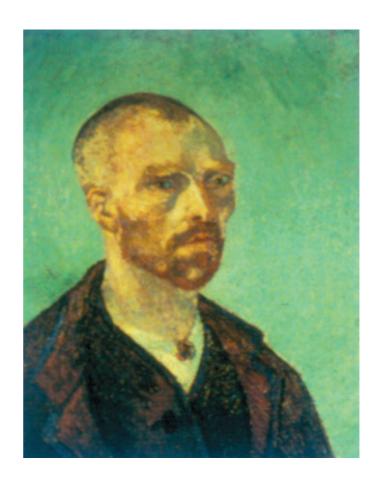




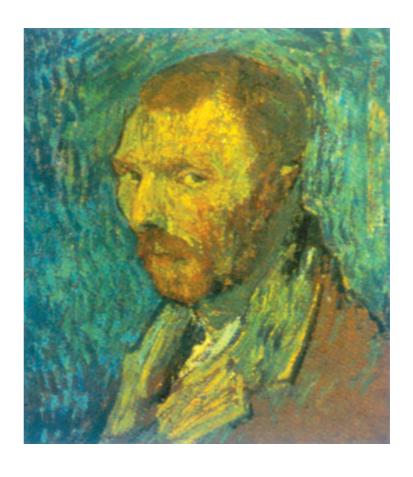












"O auto-retrato é a afirmação do artista em sua condição única de criador da sua própria imagem... A criação do auto-retrato tal como na obra Dureriana, aproxima o artista de Deus. Neste encontro consigo mesmo, que tem como mediador apenas o espelho, o artista desvenda seu dom de recriar o mundo."

Canton,2001

O artista, ao se retratar, parece investigar-se em diferentes personagens que compõem uma autobiografia pintada, cujas imagens expressam o que dificilmente poderia ser traduzido na mesma intensidade somente em palavras. Por meio deste monólogo interior, o pintor dá forma aos conflitos invisíveis que habitam sua alma.

"O auto-retrato é um ato de introspecção ou uma face fora do eu? Aquilo que o pintor reproduz é um outro fora do pintor, mas faz referências a uma série de "outros" de dentro dele."

Alberto Manguel, 2003

Quando pensamos no monólogo pintado do artista, estamos vendo no auto-retrato uma referência de diálogo interior. Assim, tomando emprestado alguns conceitos do teatro, poderíamos falar do solilóquio, momento no qual o ator se dirige ao público, expressando seus pensamentos e as lutas interiores de seu espírito.

O monólogo interior representa a fala do personagem, sem uma preocupação lógica ou censura, dizendo o que lhe vem à cabeça. Já no diálogo solitário há um diálogo com um interlocutor que nunca responde ou aparece, podendo até levar o expectador a pensar em uma conversa com uma divindade.

Nas peças com um único ator, denominadas por monodrama, há a entrega do artista aos seus vários estados de alma, como se fosse um momento de confissão o qual o ator se esforça para refletir ao vivo sobre a própria existência.

A linguagem teatral traz uma série de denominações para esse tipo de "conversa solitária" que poderíamos também identificar num auto-retrato.

Quando o diálogo interior acontece, a pessoa conversa com a voz do outro dentro de si, estabelecendo uma relação viva com o inconsciente.

"O diálogo é uma forma de conversação onde a pessoa se abre ao outro diferente de si mesmo. No diálogo interno, poderíamos falar sobre a interlocução entre duas esferas psíquicas, a consciência e o inconsciente, onde o diálogo psíquico se dá num processo de confronto entre um lado e seu lado oposto, dando-se voz à parte esquecida ou menos valorizada."

Pieri, 1991

Por meio do jogo de palavras num monólogo, o personagem vai em busca da própria identidade. Existem outras formas de expressão além do monólogo verbal e o retratar-se é uma das outras maneiras possíveis.

... "Ao pintar-se a si mesmo, a pessoa está se plasmando. O que pinta são fantasias ativas, aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo... Numa série de quadros, há um esforço para se representar o que está mobilizado dentro de si, para descobrir finalmente que é o eterno desconhecido, o eternamente outro, o fundo mais fundo de sua alma."

Ponty, 1997

Um jovem artista britânico, disse (1964),

"Uso meu corpo como fonte para meu trabalho, pois eu sou o que conheço de melhor e pior de mim ao mesmo tempo. Fazendo moldes de meu rosto, dou a mim mesmo a oportunidade de ver esse "eu", de deixar a prisão."

Sete

"Tornar-se indivíduo significa tornar-se artífice do próprio destino"

Apud Aldo Carotenuto, 1995

"Aquilo que o homem pode tornar-se está nele fundamentalmente predisposto"

Ingrid Riedel, 1996

Individuar-se é tornar-se aquilo que se é, diferenciando-se do outro, por meio da busca incessante de si, orientada pelo Self.

Poderíamos falar desta busca constante de completude de maneiras diferentes. Dizia Vincent Van Gogh em cartas ao irmão:

"...e meu espírito vai nesta direção, por um impulso irresistível..."

Julho 1882

"...Enfim, seja como for, eu quero ir adiante a qualquer custo, quero ser eu mesmo. É que sinto em mim a obstinação..."

Dezembro 1885

O processo de individuação exige, efetivamente, um ego estruturado que possa suportar as ambivalências, não sabendo ao certo se haverá transformação, pois o processo não conduz necessariamente à reorganização interior, mas sim à ampliação da consciência, para que é preciso antes de tudo assumir a própria condição humana que se apresenta ambígua e limitada.

Neste percurso longo e de solidão o homem, como um marinheiro em sua navegação, passa por muitos perigos, assim como José Pancetti.

"... sobre o mar furioso está numa barca um navegante que confia no frágil navio, assim está tranquilo em meio a um mundo cheio de tormentos, o homem solitário".

Apud Schopenhauer, 1992

Jung falou do caminho de individuação de diversas formas, que sempre enfatizavam a viagem arquetípica de cada um para dentro de si: navegante, peregrino, herói.

Para mim, os auto-retratos são a expressão em imagem dessa circoambulação em torno de si. Então, auto-retratar-se pode ser um dos momentos de reflexão a partir da experiência do espelhamento. À medida que se constroem vários retratos, referentes a várias fases, é possível se confrontar com os conteúdos interiores que vão sendo mobilizados neste percurso.

Gostaria de citar alguns trechos de Oscar Wilde em *O Retrato de Dorian Gray*, que apontam esse momento especial ao se tomar consciência de si:

"...Dorian não respondeu...

Aproximou-se descuidosamente de seu retrato... pôs-lhe os olhos e um raio de alegria iluminou-lhe os olhos. Ele se reconhecia pela primeira vez".

"...Tomou-o uma sensação de dor ao pensar na desagregação que experimentaria a sua bela face pintada na tela... Dias e dias, ele se colocara diante do seu retrato, maravilhando-se, quase enamorado dele..."

"...Fascinado pelo seu próprio retrato na tela, deseja fazê-lo permanecer e perpetuá-lo, sem envelhecer..."

Mas, ao contrário, o quadro vai guardando as marcas do tempo e mostrando as cicatrizes da alma, como um auto-retrato revela.

## Oito

... "O meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível, ele não está na ignorância de si, não é cego para si, resplandece de um si... Ele que olha todas as coisas, pode também olhar-se, e reconhecer então naquilo que vê, o "outro lado". Ele vê-se vendo, toca-se tocando, é visível e sensível para si mesmo."

Merleau Ponty, 1997

O reconhecimento de si é parte do desenvolvimento do eu, que precisa ser visto e amado. Diz James Hillman, parafraseando Berkeley, que para cada pessoa ser ela mesma e desenvolver seu potencial latente, é preciso que seja percebida: um olhar compreensivo cuja visão percebe, reconhece, acredita. Começo a pensar aqui no quadro "Narciso" de Caravaggio, que mostra esta forma legítima de amor como necessidade da alma, revelando um outro lado do arquétipo.

Diz Erich Newman em *A História da Consciência*, que o simbolismo urobórico de fusão e indiscriminação no início do desenvolvimento do ego não deve ser reduzido ao conceito de auto-erotismo.

Apenas nas situações em que haja deficiências no desenvolvimento dos estágios evolutivos e haja uma fixação no estado urobórico poderíamos pensar numa falha do processo natural. Para ele, ao contrário, o aparecimento do uroborus tem caráter formativo e organizador, significando o desenvolvimento do ego. Nessa fase há a primeira expressão da individualidade.

O incesto urobórico é visto como a tendência do ego a dissolver-se no inconsciente. Sair dele é parte da tarefa humana onde há um diálogo entre o mundo interior e sua adaptação ao mundo exterior, já citado no momento em que falei sobre individuação.

Num segundo momento, dentro do estágio de desenvolvimento, há outra vez um momento auto-centrado, mas que conduz à auto-realização, num confronto com o Simesmo. Nesta fase, não são as coisas do mundo externo que importam, mas o encontro com as necessidades internas. Esta é, segundo Newman, a centroversão, em que o

uroborus presente no mundo infantil e primitivo, torna-se novamente importante na maturidade, como símbolo da integração e do renascimento. Não há regressão, morte ou patologia, mas transformação num processo criativo. Proponho aqui uma releitura do mito de Narciso sob outro olhar que não o da neurose.

A busca da própria identidade, tarefa da primeira metade da vida, implica na diferenciação egóica e na percepção de si como indivíduo separado dos outros, um ser único. Essa etapa é importantíssima para o processo de individuação que vai se delineando.

Poderíamos dizer que no narcisismo o ego não se diferencia, não acontecendo o seu reconhecimento como individualidade. O Eu e o Tu, simbioticamente estão relacionados, num estado confusional.

Sempre que se pensa em narcisismo, cujo conceito é emprestado da patologia das neuroses, vê-se como um estado regressivo e infantil ou de egoísmo ingênuo e intransigente.

Natan Scharwtzalant (1982), fala sobre o processo de individuação, em que o ego vai se desenvolvendo em direção ao Si- mesmo e vai acontecendo a cada estágio uma necessidade de reflexão numa dialética especular entre consciente e inconsciente. Cada vez mais o Si-mesmo vai sendo experimentado como centro da personalidade e o ego vai se tornando um recipiente que espelha esse centro. Quando há indiscriminação entre essas duas instâncias e supervalorização de aspectos egóicos, Jung fala que o desenvolvimento psíquico não está a serviço da individuação, mas sim de um autoerotismo.

A mãe é a primeira portadora da imagem arquetípica do Si-mesmo e a relação dela com seu filho é essencial para que a criança se veja no outro que a olha e assim possa se ver. Quando há na infância a falta de reflexo empático, há um sentimento de não amor, não havendo desenvolvimento natural na relação ego/Self. Ser refletido e ser compreendido traz um sentimento de ser acolhido por alguém empaticamente.

Poderíamos falar então da psicopatologia narcísica quando há falência no processo formativo do Si-mesmo, normalmente por um distúrbio na relação primária, acontecendo uma ruptura no eixo ego/Self e comprometendo o sentido de identidade.

Quando não há o espelhamento materno nas primeiras fases da vida, impossibilitase a humanização, pela mãe, da experiência arquetípica do filho, e quando se perde essa dimensão fica-se aprisionado na patologia.

O desenvolvimento do ego, envolve o diálogo com o outro. O outro está presente nos vários estágios do desenvolvimento do indivíduo, e é a partir do encontro com ele que se chega ao auto-conhecimento, de tal forma que essa relação torna-se condição necessária para a formação da identidade e para a vivência do processo de individuação.

Segundo Jung a personalidade narcísica possui uma adaptação externa defeituosa, não havendo ligação afetiva com o objeto, mas tornando-se presa e fechada em seu mundo interior. Convém ressaltar uma distinção importante que ele faz entre atitude introversa e a auto-referência. O indivíduo cuja atitude é introversa, orienta-se frente ao mundo por meio de suas referências internas.

Enquanto a abordagem psicanalítica aponta principalmente para imagos parentais como fontes das estruturas introjetadas, sabemos que a visão analítica fala sobre o potencial latente existente no interior da psique e seu caráter prospectivo.

Desta forma, o encontro de Narciso com a própria imagem pode ou não conduzir à vivência transformadora. Essa releitura vê o mito como metáfora do processo de individuação, entendendo-o em sua dimensão arquetípica.

Segundo Murray Stein, podemos entender cada mito como a jornada da alma em busca de sua origem. Quando Narciso olha seu rosto refletido na água, busca o contato com o seu Eu mais profundo, repetindo por meio do auto-espelhamento suprir a experiência primária que lhe foi falha. Mas, se há uma fixação na imagem, ocorre uma paralização no fluxo de energia, cujo perigo é a perda da alma.

"Desaparecer na água profunda, associar-se à profundidade ou a infinitude, tal é o destino humano que busca sua imagem no destino das águas."

Bachelard, 1978

"...E nesta contemplação em profundidade, o sujeito também toma consciência de sua intimidade".

Bachelard, 1978

O duplo visto por Narciso é o Si-mesmo, centro ordenador da psique, que se manifesta num processo contínuo e cuja experiência é uma derrota para o ego, impulsionando-o para além de sua realidade.

O mito de Narciso narrado por Ovídio diz que Liríope, a ninfa, preocupada com o destino de seu filho Narciso, consulta o sábio Tirésias que diz que ele não viveria para se auto-conhecer.

Seu pai, o Deus Céfiso, traz o caráter arcaico de dominação e o encontro com Liríope é visto como um ato de violência e imposição. Assim nasceu Narciso, fruto dessa relação, cuja mãe traz em sua natureza o excesso de empatia e a ausência de consciência crítica. Esse tipo de personalidade projeta no outro seus recursos criativos, dificultando o processo de auto-conhecimento. Ao desconhecer-se, Liríope não pôde refletir seu filho e nem reconhecer suas necessidades, apenas refletir o próprio desejo de que seu filho fosse belo e perfeito. Esta é a ferida narcísica.

A agressividade de Céfiso em seu aspecto positivo pode ser vista como o impulso de vida em direção à diferenciação. É a saída da totalidade primordial para a formação da consciência. Assim há conjuntamente a pulsão de vida e a de morte.

Céfiso representa um conteúdo inconsciente rico em potencialidades. É a capacidade masculina fertilizadora, ligada à passagem de um estado para outro, impulso para a formação da consciência e da diferenciação. Encarado do ponto de vista negativo, representa o aspecto esmagador da personalidade narcísica que não dá espaço para o outro.

Liríope é a polaridade feminina em seu aspecto diáfano e receptivo, sendo considerada a matéria-prima a ser desenvolvida. Traz em sua potencialidade a capacidade empática arquetípica.

Por ter falta de consciência de si, está em constante estado de simbiose com o outro. Seu aspecto feminino fica apenas presente como possibilidade.

Ela constela o desejo materno de indiferenciação com relação a Narciso, que passa apenas a refletir o desejo e a ambição materna.

Este casal parental traz uma série de consequências negativas para o filho cujas dificuldades no plano relacional constituem um forte impedimento ao processo de individuação.

Tirésias, é a representação do Si-mesmo em sua sabedoria, mas a ninfa Liríope nega a expressão desta voz. Ele, como arquétipo do velho sábio, tem o dom profético e o conhecimento das verdades internas. É o mensageiro do inconsciente.

Narciso é a referência ao ego em sua luta para nascer, se diferenciar e se fortalecer. Antes de iniciar sua trajetória, ele está em estado indiferenciado de fusão entre o Eu e o outro. Está entorpecido (Narké). Neste estado indiferenciado, há a ameaça de ser tragado pelo inconsciente, que poderia ser simbolizado pelo desejo de ir em busca de sua imagem que vê refletida na água. Ele se esquece que a água está fora dele. Quando Narciso se vê, percebe-se e, por meio desse espelhamento, a identidade começa a se formar. Vai acontecendo nesse momento o rompimento do estado inicial de totalidade, que a partir da separação, passa a existir o outro e a percepção da falta.

Esse outro, que ele vê no espelho d'água, parece separado dele, mas é com quem anseia se unir. Só a partir desse reflexo vai reconhecer que esse outro é ele mesmo. Narciso percebe a impossibilidade de se fundir com o outro que vê e deseja, tornando-se consciente da dor da separação. Nesse momento em que se olha e vê o outro e descobre a si mesmo, Eros é revelado. A água simboliza, na tradição cristã, a origem da criação. Ela é mãe e matriz, fonte de todas as coisas. Como todo símbolo, é ambivalente, fonte de vida e de morte, criadora e destruidora. O antigo simbolismo da água fala da fecundação da alma: a água representa o curso da existência humana e as flutuações de desejos e sentimentos, como meio de purificação e centro de regeneração.

O rio é o meio de passagem para o outro lado, ponte para o desconhecido. Por isso suas margens são simbolicamente associadas a processos iniciáticos. O lago tem ligação com o divino, revelando um espaço sagrado. Ele também nos remete a um olhar revelador e é a partir dele a que o homem pode ampliar a consciência de si mesmo. Assim, o lago traz a qualidade simbólica do espelho que em sua função de refletir, descortina uma realidade oculta.

A solutio, em seu aspecto positivo, traz na imersão o desprendimento e a morte de algumas necessidades egóicas para o encontro mais profundo com a própria alma.

Nêmesis, a Deusa do destino e da justiça, impõe a Narciso o sofrimento de se apaixonar por sua imagem. Esta punição traz a possibilidade da redenção na qual, a partir do auto-conhecimento, é possível sair da indiferenciação. Nêmesis é a representante arquetípica da justiça divina. Sua presença no mito é a representação da lei interna, sinalizando a necessidade de redirecionamento do processo, pois há a inflação egóica que precisa ser reparada. A saída desta inflação dá-se apenas a partir da conscientização.

No momento final, Narciso, após vários obstáculos, mergulha em busca da totalidade, do reencontro com o Si-mesmo do qual se separou. Esta é a morte simbólica do Eu, que se diferencia, trazendo uma profunda solidão.

É uma passagem para um outro estado de consciência, que traz mais aprofundamento ao amor por si próprio e à capacidade de relacionamento. Mas toda situação arquetípica é ambígua e assim a imersão na água pode conduzir também à regressão e ao aprisionamento ou à ampliação da consciência, fertilizando o potencial criativo.

O mergulho de Narciso poderia ser visto de formas diferentes. Em seu aspecto negativo, conduziria à morte, cuja regressão leva à matriz inicial. E positivamente, como já foi dito, à busca da própria alma, transformando-se.

Qual seria o papel da ninfa Eco na vida de Narciso?

Sua presença se faz como representação da contrapartida feminina de Narciso. Sua função é ecoar, refletir empaticamente. Ela depende do outro para ter existência psíquica.

Eco não é apenas uma voz embora, por desejo de Juno, repetisse sempre a última palavra que escutava, transformando os sons que ouvia em suas próprias palavras. Ela é diáfona, em participação mística com a natureza, tornando-se transparente para transparecer o outro.

Assim, ela depende do outro para existir, precisa da voz do outro para se expressar e reflete o outro numa relação simbiótica.

Eco foi tomada de amor por Narciso que aos 16 anos, esbelto e orgulhoso, não havia sido tocado em seu coração por ninguém. Ela se enamora, repetindo as palavras

dele. Há nela o ecoar da tristeza de Narciso pela impossibilidade de tocar o objeto de seu amor: a própria imagem. A morte vem como alívio e possibilidade de encontro com seu amado. É importante essa repetição para Narciso, para que se auto-reflita, pois na repetição da palavra pode acontecer a compreensão psicológica e a elaboração de uma necessidade profunda.

As ninfas são seres intermediários entre os Deuses e os homens. Poderíamos dizer que elas são psicopompos, condutores de alma, pois participam muitas vezes da educação dos iniciados.

O mito de Narciso pode ser entendido como uma experiência de transformação no processo de individuação. Narciso em seu aspecto positivo é o símbolo do movimento saudável em direção à nova consciência. Representa então, a vida psíquica em trânsito em busca de reconexão com o Si-mesmo.

Há a morte simbólica do ego na imersão na água, sua matriz inconsciente, podendo conduzir à ampliação da consciência, surgindo a nova personalidade. Quando Narciso mergulhou, seu corpo não foi encontrado, mas em seu lugar havia uma flor que recebeu seu nome, evocando o ciclo renovador da natureza e simbolizando a representação psicológica do Si-mesmo.

Narciso busca a si mesmo no outro refletido na água. Da mesma forma, cada artista ao se auto-retratar busca, também, a própria reflexão, no "outro" que vê. O outro terá sempre o papel do espelho para se refletir, num eterno diálogo, pois é a partir da busca do encontro com o outro que se chega ao auto-conhecimento.

### Nove

Pensar em auto-retrato como expressão narcísica é reduzir a riqueza expressa numa obra de arte a uma patologia. Mas, se falarmos da necessidade vital de o pintor se expressar por meio de sua obra, poderíamos entender a sua realização como a necessidade do artista de se refletir para se auto-conhecer, algo tão importante dentro do processo de desenvolvimento psicológico natural do ser humano.

Essa é uma visão diferente, na qual há o desejo imperioso por parte do artista de se retratar, independente da vaidade ou da necessidade de reconhecimento.

Quando o artista se pinta ele reflete o desejo de alma e de amor próprio. Assim, o narcisismo pode ser visto como uma das formas de apresentação do Eros, em que é preciso amar a si para amar ao outro, na manifestação legítima de alteridade.

Quando o pintor se retrata em imagem, assim como Narciso se vê projetado na água, poderíamos falar em solilóquio, em que acontece o revelar da alma em suas ambigüidades e o estabelecimento de um diálogo.

Durante as várias fases do caminho de individuação, se vai construindo vários auto-retratos. Na medida em que nos deparamos com vários aspectos de nós mesmos, é possível suportá-los? Assumi-los? Não viver apenas personas ou uma única imagem? Novas imagens de si surgem e vão representando a relação com outros aspectos próprios, com maior aceitação de quem se é. Até o momento em que talvez não se necessite mais estar preso à uma imagem para se reconhecer. Vai se tornando mais livre, sendo mais o que se é; brincando com o feio, com o ridículo, se vendo em outras coisas e objetos.

No primeiro capítulo falei sobre um sonho que tive com o material de pintura de Van Gogh, no qual eu tocava um tubo de tinta e o sentia pulsar no ritmo de minhas batidas cardíacas. Resolvi, então, incluir em meu trabalho clínico com adultos e adolescentes, além do material gráfico que já utilizava, o cavalete, as tintas, a palheta e os pincéis como recursos disponíveis para o paciente. Ao mesmo tempo, em minha experiência pessoal surgiu o desejo de vivenciar a pintura sem a preocupação técnica, mas priorizando o lúdico e o espontâneo, o que me conduziu a muitas descobertas.

A arte, no cotidiano de um terapeuta tem lugar privilegiado, quase secreto. As obras que ele escolhe criar, visitar ou reproduzir, permitem-lhe refletir e se recolher a fim

de reencontrar o que está nas profundezas dele mesmo, sejam seus sentimentos pessoais ou o saber coletivo impresso na obra. Um exemplo disto, foi todo o meu trajeto realizado a partir da observação de uma obra de arte, mobilizando em mim, até mesmo o desejo de pintar aquarelas. O imaginário psíquico do terapeuta, povoado de imagens que o interrogam, se abre para o cliente no desenrolar de seu processo interior, na escuta de seus sonhos e no compartilhar de suas imagens.

Quando proponho ao cliente a pintura como forma de expressão, sugiro que a partir das imagens simbólicas ele possa dar forma a suas angústias, seus desejos ou suas emoções

Sabe-se que a utilização de técnicas expressivas em um processo analítico pode facilitar a elaboração dos símbolos por meio da vivência deles. Ao representar na tela, pictoricamente, suas experiências interiores, por vezes há uma aceleração no processo psicoterápico.

Jung dizia que no momento em que o paciente se expressa por meio do pincel, torna-se ativo, passando também a executar. Além disso, o trabalhar a tela, traz uma contemplação cuidadosa e constante.

"Levo os meus pacientes a reproduzir o invisível e o inimaginável, da melhor maneira possível, através da forma pictórica. A finalidade deste método de expressão é tornar os conteúdos inconscientes acessíveis e assim aproximá-los da compreensão. Com esta terapêutica consegue-se impedir a perigosa cisão entre consciência e os processos incoscientes".

Jung, 1981 (1921)

Ele relata a utilização da pintura em sua prática clínica como uma das formas de entrar em contato com o inconsciente. Com isso, podemos entender o potencial reparador existente no processo artístico e reforçar a grande importância do trabalho estético no processo de individuação, como forma de expressão do Self.

O uso das cores, ao propiciar o reencontro com o prazer e o lúdico, por si só é terapêutica. Reconhece-se, nos dias de hoje a importância da abertura para a utilização

de técnicas expressivas, pois a convivência com os símbolos pode ser mais importante do que a explicação racional. Uma das funções mais importantes da arte na prática psicoterápica é a revelação do inconsciente. Ela poderia ser considerada como facilitadora do emergir de símbolos e da criação de uma ponte entre consciente e inconsciente, possibilitando a integração.

#### Merlean Ponty (1997) disse:

"Usando esse método o paciente pode tornar-se independente em sua criatividade. Já não depende dos sonhos, nem dos conhecimentos do médico. O que pinta são fantasias ativas aquilo que está mobilizado dentro de si. E o que está mobilizado é ele mesmo, mas já não mais no sentido equivocado anterior quando considerava que o seu "eu" pessoal e o seu "self" eram uma e a mesma coisa. Agora há um sentido novo que antes lhe era desconhecido. Numa série de quadros o paciente esforça-se por representar exaustivamente o que sente mobilizado dentro de si, para descobrir finalmente, que é o eterno desconhecido, o eternamente outro, o fundo mais fundo de nossa alma."

Em minha prática clínica, quando identifico ser mais importante para o cliente a vivência à elaboração verbal, proponho que ele represente plasticamente seus sonhos, seus sentimentos, bem como imagens mobilizadas. O essencial inicialmente não é a interpretação, mas a experimentação. Depois lhe é solicitado que fale sobre a vivência, havendo a conjugação imagem-ação. É sempre importante haver algum tempo disponível no final da sessão para se falar sobre a experiência.

Por exemplo, quando o paciente traz algum símbolo forte de um sonho, uma sensação ou algo que ele não consegue expressar em palavras, proponho que se sente de uma forma confortável, (se quiser no chão), feche os olhos, respire profundamente e "massageie" as mãos, observando textura, temperatura. Quando se sentir pronto, escolha o material: Cores, papéis, argila entre outros recursos. Deixo a escolha, por conta do paciente, não interferindo ou sugerindo.

Pude observar em diversos clientes que uma série de imagens surgem espontaneamente. Esse material revela o fluxo de imagens do inconsciente, dando a ele a oportunidade de se expressar e de falar em outra linguagem que não a verbal, por vezes vazia e limitada. Gostaria de citar um exemplo dessa forma de trabalho com um paciente borderline, o qual se encontra em situação de constante fragilidade e risco de desorganização interior.

"C", homem, 27 anos, apresenta enorme dificuldade para simbolizar, conseguindo se expressar apenas por monossílabos.

Sugiro que ele expresse em imagens, fragmentos de sonhos, palavras, sensações, bem como pequenos detalhes ou grandes silêncios. Observo que a partir das imagens que vão emergindo, vamos alinhavando os fragmentos e construindo um fio, uma história. Além disto, como dizia Nise da Silveira, quando há expressão de conteúdos internos em imagem, há a despontencialização do objeto.

Em resumo quando se cria ou mesmo se contempla uma imagem pode-se ser levado a lugares muito especiais internamente, aos quais muitas vezes não se teria acesso de uma outra forma. Esta afirmação reforça a idéia de que o olhar pode evocar uma transformação.

Os olhos num auto-retrato buscam, no observador, uma compreensão empática à sua própria experiência subjetiva. Vive-se assim a experiência dupla e especular de se observar e olhar uma imagem, cuja dialética aprofunda e enriquece o saber da alma.

Dez

A partir do momento em que me senti tocada pelas pinturas de Van Gogh, Pancetti e Caravaggio, comecei a lançar outro olhar sobre as coisas que tenho observado.

A experiência estética instiga o desejo de investigar, conhecer, ao mesmo tempo em que provoca sensações e emoções.

Os meus olhos perceberam os olhos de Van Gogh atormentados e angustiados com sua trágica existência. Tornei-me sua interlocutora, tentando traduzir em palavras e sentimentos, as suas imagens.

Em outra etapa me vi "navegando" com o marinheiro Pancetti, em águas desconhecidas, encontrando em cada auto-retrato, um ponto de chegada e uma referência para a partida.

Ao ver Narciso se olhando e observar o fascínio presente nesta imagem pude compreender melhor a importância da reflexão sobre si mesmo para que cada um possa se reconhecer.

Na clínica diária, nas sessões com cada paciente que busca delinear nesse processo o próprio retrato, meu olhar e minha escuta tornaram-se diferentes.

Esse encontro com a arte certamente trouxe referências novas ao meu trabalho como terapeuta e à minha vida pessoal. Um alargamento de horizontes, cuja visão se sente abastecida, mas também instigada a continuar a buscar.

# Referências Bibliográfcas

Albano, A – "Espelhos Paralelos," – em Retrato genial de Vincent, a ser editado, 2002 Bachelard, G – El agua y Los suenos – México, Fondo de Cultura Económica, 1978 p. 54 e 55.

Barcellos, G – "A Transfiguração do Mau Destino," em revista do Simpósio da AJB, Águas de Lindóia, 2002

- "Jung, Junguiano e arte, uma breve apreciação" em <u>pro-posições, Dossiê</u>

<u>Educação Estética</u> - Unicamp, Faculdade de Educação, 2004

Bell, J. - Five Hundred Self- Portraits - London - Plaidon Press Limited, 1990, pp. 548.

Bonafoux, P - Van Gogh, the passionate eye- Trieste, Editoriale libreria, 1994

Brill, A – "O Auto-Retrato, gênero em extinção?" em Da arte e da linguagem

Canton, K. - "Auto retrato espelho de artista", Livre Docência, ECA/ USP, 1962

\_\_\_\_\_\_ - "Espelho de Artista", São Paulo, Cosac e Naif, 2001

Cavalcanti, R - "O Mito de Narciso", São Paulo, Cultrix, 1997, p. 244

Cardoso, Sérgio e outros - "O Olhar dos Viajantes" em O Olhar, S. Paulo, Scharcs, 1988.

Carotenuto, A – "Trattato di psicologia analítica", Vol. II, Torino, Torinese, 1992.

Chevalier, J - "Dizionario dei Simboli"- Vol. I, Milano, Rizzoli, 1994.

Dobkin - "Artists by themselves", - Japan, Nissha, 1983

Gaillard. C - "Jung e les Arts" - Palestra apresentada no 1º Congresso Internacional de Educação Estética - Campinas 2004

Gambini, R – "O Silencioso Pedido de um Olhar," em Retrato genial de Vincent, a ser editado, 2002

Gullar F. - Relâmpagos - São Paulo, Cosac & Naify, 2003 p. 175

Hillman, J. - O Código do Ser, Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

Jung, G – Obra Completa, Petrópolis, Vozes, 19 vols

OC 9, 2000 (1934), & 43 e 44

OC 15, 1991 (1922) & 122 e 161

OC 16, 1981 (1921) & 104 e 106

Leite, José Roberto T. – *Pancetti, O Pintor Marinheiro*, Rio de Janeiro, Fundação Conquista, 1979

Manguel, A. - Lendo Imagens, São Paulo, Companhia das letras, 2003, p. 177 à p.199

Merlean Ponty, M. - O Olho e o Espírito-Lisboa, Veja, 1997

Nathan Schwartzsalant – *Narcisismo e Transformação do Caráter*, São Paulo, Cultrix, 1995, p. 25.

Neumann, E, - A História da Consciência, São Paulo, Cultrix, 1990, p. 323

Pareyson, L. – "O Processo Artístico" <u>em Os Problemas da Estética, S</u>ão Paulo, Martins Fontes, 1984

Pedrosa, M. - Forma e Percepção Estética - São Paulo, Edusp, 1995

Pieri, Paolo F, - Dicionário Junguiano, São Paulo, Paulus, 2002

Piza, D. - "Artista no espelho" - Revista Bravo, São Paulo, março de 2001

Ponty - Merlean - O Olho e o Espírito, Lisboa, Veja, 19997

Sassone Anna Maria - "Il processo di individuazione" in Trattato di Psicologia

Analítica, Volume II, Torino, UTET, 1992.

Stein, M – Jung, O Mapa da Alma, São Paulo, Cultrix, 1998.

Tarkovsky, A - Esculpir o Tempo- São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 39 a p. 63.

Van Gogh, V. – The Complete Letters - Boston, Little Brown and Co., 1991- vols. II e III.

#### Catálogos

"Da Monet a Picasso" – Impressionismo e pós- Impressionismo Nel Museo Puskin - Milano 1996

Pancetti, O Marinheiro Só - MAB (FAAP) 2001.

Immagini del Sentire- Cremona – Itália 1997